

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
VIAGENS PELA NOITE – O MUNDO DE ANATOLE LITVAK
4 e 9 de dezembro de 2024

SORRY, WRONG NUMBER / 1948

(Três Minutos de Vida)

um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / **Argumento:** Lucille Fletcher, segundo a sua peça radiofónica / **Fotografia:** Sol Polito / **Direcção Artística:** Hans Dreier, Earl Hedrick/ **Montagem:** Warren Low/ **Música:** Franz Waxman/ **Intérpretes:** Barbara Stanwyck (Leona Stevenson), Burt Lancaster (Henry Stevenson), Ann Richards (Sally Lord), Wendell Corey (Dr. Alexander), Harold Vermilyea (Waldo Evand), Ed Beagley (James Cotterell), Leif Ericson (Fred Lord), William Conrad (Morano), Jimmy Hunt (Peter Lord), Dorothy Neumann (Miss Jennings), Kristine Miller (Dolly), John Bromfield (Joe), Paul Fierro (Harpootlian), Suzanne Dalbert (rapariga dos cigarros), Joyce Compton (loira), Cliff Clark (sarg. Duffy), Tito Vuolo (Albert).

Produção: Hall Wallis e Anatole Litvak, para a Paramount / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 88 minutos / **Estreia Mundial:** New York, em 1 de Setembro de 1948 / **Estreia em Portugal:** Éden, 11 de Novembro de 1949 / Primeira apresentação na Cinemateca a 3 de Julho de 2007, no ciclo "Centenário de Barbara Stanwyck".

A sessão de dia 4 é apresentada por Ehsan Khoshbakht

Sorry, Wrong Number foi o último dos quatro filmes que deu a Barbara Stanwyck uma nomeação para o Oscar (perdeu-o para Jane Wyman em **Johnny Belinda/Belinda, a Escrava do Silêncio**, de Jean Negulesco). Os outros três foram **Stella Dallas**, de King Vidor (1937), **Ball of Fire**, de Howard Hawks (1941) e **Double Indemnity**, de Billy Wilder (1944). Nunca mais o voltou a ser. E contudo teve à sua frente ainda mais 17 anos de cinema, recheados de outras notáveis criações como **No Man of Her Own**, de Mitchell Leisen (1950), **Clash By Night**, de Fritz Lang (1952) ou **There's Always Tomorrow**, de Douglas Sirk (1956). Mas já então a televisão a chamara e fizera dela uma das suas vedetas, e lhe dará um programa especial, o *The Barbara Stanwyck Show*, e fará dela a matriarca de uma popular série, **The Big Valley**. O pequeno ecrã não lhe regateará prémios, com três Emmys ganhos em cinco nomeações. Voltando ao cinema será preciso esperar por 1982 para a Academia de Hollywood lhe outorgar o Oscar Honorário pela sua carreira (o tal, de consolação, que ofereceram também, entre outros, a Cary Grant e Alfred Hitchcock, outros dois "esquecidos" enquanto trabalhavam). Viria em seguida, cinco anos depois, o "Life Achievement Award" entregue pelo American Film Institute.

Sorry, Wrong Number é a adaptação de uma famosa peça radiofónica da autoria de Lucille Fletcher, feita pela própria autora, que fora originalmente transmitida em 1943, sendo a personagem de Leona interpretada por Agnes Moorehead (que fizera parte do Mercury Theater de Orson Welles). O sucesso da peça foi de tal ordem que nos 10 anos seguintes ela iria ser retransmitida todos os anos. Uma dessas emissões (a de 9 de Janeiro de 1950) teria

como intérpretes os mesmos do filme que vamos ver, Barbara Stanwyck e Burt Lancaster. Ainda antes da Paramount, através de Hall Wallis, avançar para a sua adaptação ao cinema (primeiro com o título **Murder on the Telephone**, mas acabando por se optar pelo original), já a televisão fizera uma transmissão da peça em 1946, numa produção de John Houseman, cabendo a personagem de Leona a Mildred Natwick. A televisão voltaria a adaptar **Sorry, Wrong Number**, primeiro em 1954, numa interpretação de Shelley Winters, e depois em 1989, interpretada por Loni Anderson. Contudo, no cinema, o filme de Anatole Litvak ficou como a única abordagem da peça de Lucille Fletcher, que, apesar disso, não deixou de influenciar o género do thriller, seja literário, teatral ou cinematográfico. Um dos seus "herdeiros" mais famosos (inclusive, mais do que o original) foi a peça de Frederick Knott *Dial M For Murder*, levada à cena em 1952 e que Alfred Hitchcock adaptará dois anos depois, com um argumento com algumas semelhanças com o do filme de Litvak.

Mas não é apenas com **Dial M For Murder**, que **Sorry, Wrong Number** apresenta alguns pontos de contacto. Muitos outros temas se cruzam neste filme, particularmente o da oposição de classes e o desejo de promoção social. Este focaliza-se na personagem de Henry Stevenson (Burt Lancaster), um jovem universitário desportista que casa com a filha mimada de um rico industrial (Ed Beagley) e acabará por ser um brinquedo nas mãos da mulher, a caprichosa e egoísta Leona, dependência de que procurará libertar-se pelo crime, contratando um assassino para matar a mulher. Henry Stevenson é, assim, uma espécie de "cruzamento" entre a personagem que Montgomery Clift interpretaria em **A Place in the Sun**, que George Stevens filmaria em breve, segundo o romance clássico de Theodor Dreiser "Uma Tragédia Americana" (já levado à tela por Joseph von Sternberg nos anos 30), a de Kirk Douglas em **The Strange Love of Martha Ivers** (também ao lado de Barbara Stanwyck) e a de Ray Milland em **Dial M For Murder**.

Sorry, Wrong Number é um típico filme *negro* da sua época, tanto na história como na narrativa. E neste caso é um filme revelador do estilo do realizador, Anatole Litvak, de origem russa e que trabalhou na Alemanha e França antes de emigrar para os Estados Unidos onde dirigiu alguns filmes notáveis antes de enveredar, nos anos 50, pelos mais estereotipados melodramas. Recordem-se **The Amazing Dr. Clitterhouse/O Génio do Crime, Confessions of a Nazi Spy, Castle on the Hudson/Um Castelo no Hudson e The Snake Pit/O Fosso das Víboras**. O estilo de Litvak mostra-se, aqui, principalmente nas sequências de interior, com Barbara Stanwyck acamada e em pânico, trabalhadas com uma notável concepção de suspense onde o telefone tem um lugar central. Aliás, o telefone está presente praticamente em todas as cenas, com as cabines, os aparelhos nos bares e, inclusive, na reveladora cena no escritório do doutor Alexander (Wendel Corey), onde vemos Henry numa cena dramática torcendo o fio do telefone nos dedos antes de o arremessar ao chão. A câmara, principalmente nos interiores do quarto de Barbara, capta o rosto da atriz em grande plano, enquanto breves e dramáticos movimentos inserem o rosto num espaço que se vai revelando ameaçador, e em pano de fundo, se vê o exterior, com a ponte, as trevas, e os ruídos exteriores que aprofundam a ameaça (o som tem, neste filme, um papel de destaque). Ao seu método característico de dirigir as cenas junta-se o estilo típico do filme *negro*, com os contrastes de luz, criando ameaças e o uso constante do *flash-back* que se desenrola a vários níveis (*flash-backs* dentro de *flash-backs* como em **The Killers/Assassinos**, de Robert Siodmak ou **The Locket/O Medalhão Maldito**, de John Brahm).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico